

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



PATROCÍNIO:



@pescasolidaria
pescasolidaria.org

@pescasolidaria
@pescasolidaria

PROJETO:



PATROCÍNIO:



PESCA HISTÓRIA:

Pois, CONTE OUTRA!!



Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Christiane Maria Montenegro Sá Lins CRB/3 - 952

P473

Pesca história: pois, conte outra/ Comissão Ilha Ativa – CIA;
Parnaíba: Sieart, 2015.

52 p.: Il; 29,7 x 21 cm.
ISBN: 978-85-60146-67-3

1. Contos Brasileiros. 2. Pesca – estórias. 3. Pescadores –
História. I. Comissão Ilha Ativa - CIA. II. Título.

CDD B869.3

FICHA TÉCNICA:

Comissão Ilha Ativa - Cia

Presidente: Liliana Oliveira Sousa.

Secretária: Kesley Paiva da Silva.

Subsecretária: Daniele Alves Lopes.

Tesoureiro: Mario Lucio de Moraes
Damasceno.

Sub-tesoureiro: Alan Elias Silva.

Conselho Fiscal:

Presidente: Luciano Silva Galeno.

Relatora: Ana Maria Brandão de Oliveira.

Vogal: Maria Antônia de Oliveira dos Santos.

Primeira Suplente: Francinalda Maria
Rodrigues da Rocha.

Segundo Suplente: Flavio Luiz Simões Crespo.

Terceiro Suplente: Adilson Silva de Castro.

Endereço:

Rua Benedito dos Santos Lima, nº2264 – Bairro
São Benedito / CEP: 64.202-245 / Parnaíba-PI

www.comissaoilhaativa.org.br

Contatos:

cia@comissaoilhaativa.org.br

(86) 3322-3505

(86) 98135-9581

(86) 98856-2814

(86) 99521-9496

(86) 99807-4040

PESCA HISTÓRIA: POIS, CONTE OUTRA!!

Realização:

Comissão Ilha Ativa

Equipe técnica:

Ana Maria Brandão de Oliveira

Daniele Alves Lopes

Francisca Maria Nascimento Oliveira

Rosangela Maria dos Santos Barros

Organização:

Lígia Kloster Apel

Contadores das histórias

Bitupitá

Francisco Pereira de Souza

Francisco de Assis Veras

José Elton Gabriel Barros

Jonas Ferreira Veras

Paulo Sérgio Pereira

Cajueiro da Praia

Cláudio Ferreira de Souza

Francisco Gilberto da Silva Rocha

Francisco Souza Santos

José Pereira de Souza

Marcos Vinícius da Silva Rocha

Raimundo Pereira de Souza

Chaval

Antônio Durval Filho

Benedito Pereira dos Santos

Ezequias Pereira dos Santos

Francisco Edmilson Cordeiro

Chapada

Antônio Augusto Ribeiro

Antônio Helton Vieira Ribeiro

Etevaldo Veras Sampaio

Francisca Veras Sampaio

Manoel Pereira de Amorim

Os versos das apresentações dos municípios foram extraídos de poesias e paródias dos participantes do Concurso de Redação das escolas de ensino médio do estuário dos rios de Timonha e Ubatuba.

Revisão: Marcelo Apel, Luciano Silva Galeno e Equipe de Educação Ambiental.

Projeto Gráfico: Mundo Imagine

Capa: Equipe de Educação Ambiental

Ilustrações: Alunos da Escola de Ensino Fundamental Santa Adelaide- Bitupitá/CE

Felipe Neves de Araújo

Francisco Elias Sá Ribeiro

Nayara Santos de Araújo

Tamiris Morais dos Santos

Vitor Pessoa santos

Impressão: Gráfica e Editora Sieart

Tiragem: 500

Pescador

Nas Pedras Brancas ou na ponte da praia do Barão?
Está tão perto que eu não te vejo pescador, apenas
Ouço a água pontecendo no peito da tua canoa...

Vai em silêncio, pescador, para não chamar as almas

Traz uma tainha gorda para Maria Mulata
Vai com Deus! daqui a instante a sardinha sobe
Mas toma cuidado com o cação e com o boto nadador
E com o polvo que te enrola feito a palavra, pescador!

Ouve, eu não peço nada do mundo, eu só queria a estrela-d'alva
Porque ela sorri mesmo antes de nascer, na madrugada
Oh, vai no horizonte, pescador, com tua vela tu vais depressa
E quando ela vier à tona, pesca ela para mim depressa,
pescador?

Ah, pescador, que milagre maior que a tua pescaria!
Quando lanças tua rede lanças teu coração com ela pescador!
Teu anzol é brinco irresistível para o peixinho
Teu arpão é mastro firme no casco do peixe, pescador!

Toma castanha de caju torrada, toma aguardente de cana
Que sonho de matar peixe te rouba assim a fome, pescador?
Toma farinha torrada para a tua sardinha, toma, pescador
Senão ficas fraco do peito que nem teu pai Zé Pescada,
pescador...

Vai, vai, pescador, filho do vento, irmão da aurora
És tão belo que nem sei se existes, pescador!
Teu rosto tem rugas para o mar onde deságua
O pranto com que matas a sede de amor do mar!

Apenas te vejo na treva que se desfaz em brisa
Vais seguindo serenamente pelas águas, pescador
Levas na mão a bandeira branca da vela enfunada
E chicoteias com o anzol a face invisível do céu.

Vinicius de Moraes



PESCA HISTÓRIA: POIS, CONTE OUTRA...

HISTÓRIAS DOS PESCADORES E MARISQUEIRAS DO ESTUÁRIO DOS RIOS TIMONHA E UBATUBA

Vou te contar uma que você não vai acreditar... Assim começa uma história de pescador. Os causos de pescadores são situações vividas transformadas em contos que encantam, espantam, emocionam, assombram e... divertem.

Todo pescador tem um fato surpreendente pra contar. Um acontecimento fantástico que vivenciou e quer compartilhar com quem quiser ouvir. Sejam imaginárias ou reais, suas histórias retratam o que enfrentam, o que temem e o que os encoraja em seu trabalho. Mostram um vasto conhecimento do ambiente, dos ecossistemas e da necessária conservação dos ambientes e dos recursos naturais. Dessa conservação, ele sabe, depende a sua vida e o abastecimento de pescados nas cidades da região.

Sabedoria que faz o pescador enfrentar as dificuldades da profissão. Faça chuva ou faça sol, lá está ele enfrentando ventos fortes, maresias e correntezas, noites sem dormir e saudades de casa, da família e da terra. Em meio a essas dificuldades mantém o riso largo ao contar o que viveu enquanto pescava o sustento da família.

Navegar por uma história de pescador, verdadeira ou imaginada, faz a gente compreender (ou imaginar que compreende) sua realidade. Nos faz viajar juntos pelas águas das marés, rios, lagos e camboas que navegam e mergulham. Nos faz um pouco pescadores, também.

Para conhecer, valorizar e manter preservadas algumas dessas histórias, a Equipe de Educação Ambiental do Projeto Pesca Solidária da Comissão Ilha Ativa, patrocinado pela Petrobras através do Programa Petrobras Socioambiental, desenvolveu a atividade Pesca História. Nome escolhido pelos próprios participantes, o Pesca História realizou rodas de conversa com a participação de pescadores e marisqueiras dos municípios do estuário dos rios Timonha e Ubatuba: Cajueiro da Praia (PI), Chaval (CE) e as comunidades de Bitupitá e Chapada, do município de Barroquinha (CE).

Participaram mais de 60 pessoas, entre pescadores e marisqueiras de diferentes idades e 34 contaram histórias que conheciam ou que vivenciaram durante a

pescaria e a cata do marisco. Também foram feitas entrevistas individuais que relatavam a trajetória de pescaria de cada contador, sua história de vida e do seu local de moradia.

Utilizando músicas e dinâmicas, as rodas de conversa foram verdadeiras manifestações da cultura dos moradores das comunidades do estuário. Momentos que proporcionaram integração e troca dos saberes tradicionais, através da sua principal característica: a alegria.

Mais de 70 histórias foram contadas e 36 escolhidas para compor esta cartilha. Temos a oportunidade de conhecer um bocadinho da riqueza cultural desse lugar e de nos divertir com o que está aqui contado. Depois de ler essas histórias vai dar vontade de pedir aos pescadores: Pois, conte outra...

Boa leitura!



BITUPITÁ, BARROQUINHA - CE

Maria Denice Araújo Silva, 16 anos - 3º ano
E. E. Médio Jaime Laurindo da Silva

*O estuário integra
rotas do Atlântico
Para aves migratórias
Que vêm de outros continentes
Apenas com lembranças
na memória
A procura de alimentos
E de uma nova história*



Foto: Chico Rasta



PONTAL DAS ALMAS

Pontal das Almas se deu por que era um povoado *indígena* e um filho de índio morreu na Camboa das Almas. Ainda hoje tem o nome Camboa das Almas. Aí botaram o nome disso aqui de Alma. E ficou como Alma e Alma e Alma e Alma e Alma mesmo. Por esse motivo [o lugar] ficou conhecido como Almas.

Depois de passado um tempo, o senhor chamado de Monsenhor Carneiro, que mandava na comarca, se reuniu com o Conselho da comunidade e disse:

- Mas, isso aqui vai crescer e vai ficar com o nome de Alma? Isso aqui não pode mais chamar de Alma! E sugeri que o nome fosse mudado. Ele fez uma pesquisa de outro nome e chegou com esse outro nome para o Conselho aprovar: Bitupitá. E eu, Jonas Veras, ousado que sou, perguntei:

- Monsenhor, o que significa Bitupitá? Porque nós temos 17 Km de dunas e na estrada venta muito. Ele aproveitou e fez sentido numa palavra só: Bitupitá. E ele explicou:
- É palavra indígena que significa "pancada de vento em montanha de areia".
E assim o nome ficou até hoje.

CONTADOR:

Jonas Ferreira Veras
80 anos



Desenho:

Tamirís Moraes



CONTADOR:

Jonas Ferreira Veras - 80 anos

O CAMBITO QUE NÃO QUERIA SER ESPETADO

Pescando mais um tio irmão de meu pai na camboa do Sal, nós fizemos pescaria de salto. Tainha de Salto. A maré era boa e atravessamos e fomos até lá era por volta de oito horas da noite. Colocamos a rede... e tinha que ser com os cambitos (estacas) para poder segurar a rede por causa da maré. Quando ele enterrava os cambitos, *eles saía*. Os cambitos saíam junto com ele. Aí, ele mandou fazer um cambito de seis palmos e disse:

- Eu vou colocar esse cambito. Agora quero ver se tu arranca!!

Enfiou o cambito e saiu de cima. O cambito saiu junto com ele.

- Tu pode fazer tudo isso, mas não saio daqui com medo de ti!!

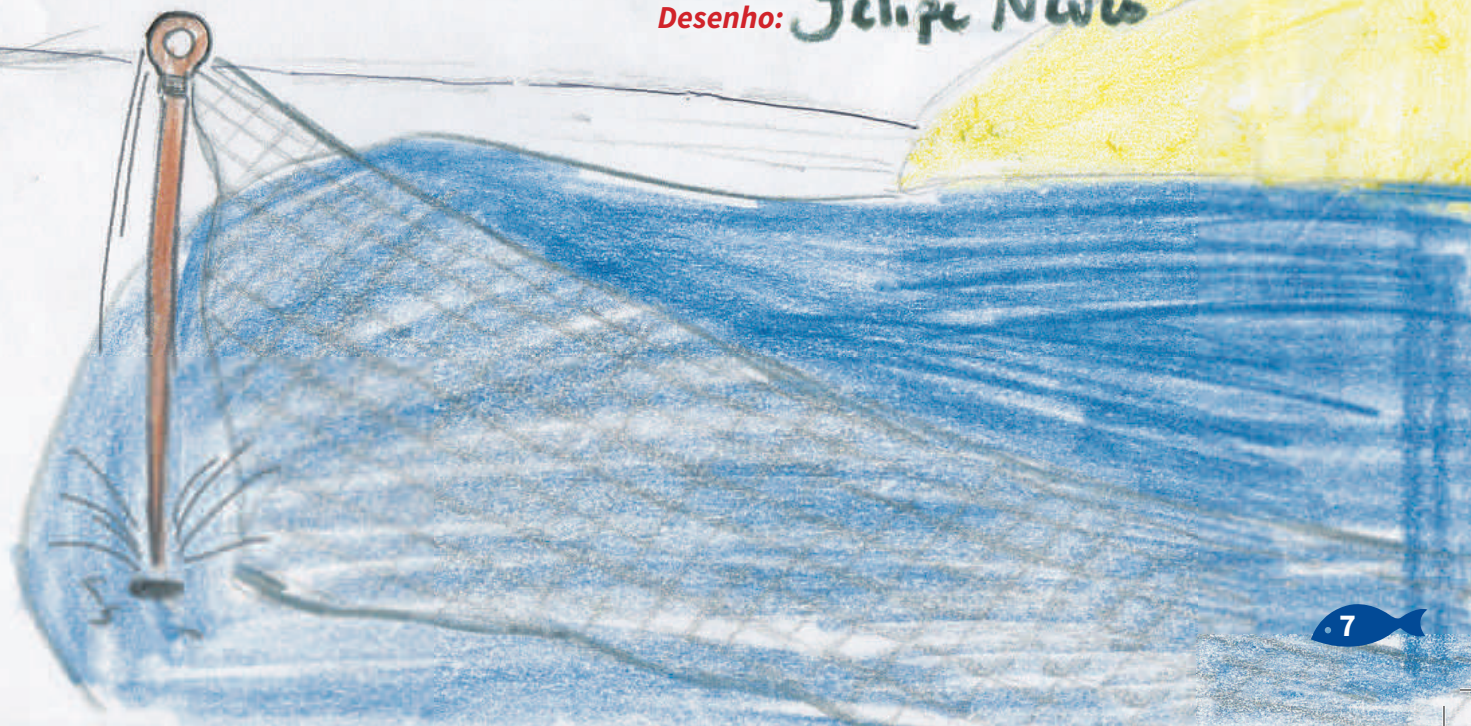
E ele dentro d'água... O seu nome era Viturino Ferreira Veras, irmão de meu pai. Aí, quando terminamos na maré baixa, fomos tirar a rede. O pai do senhor Domingo disse:

- Vai Domingo, puxar a rede.
- Eu não!!
- Vocês estão com medo? Bando de medroso! Pois, eu vou puxar...

E quando apanhamos a rede, ele disse:

- Eu vou embora "filho de uma égua", mas eu não tenho medo de ti, não!

Desenho: Felipe Neves





CONTADOR:

Jonas Ferreira Veras - 80 anos



SANTA ADELAIDE

A história de Santa Adelaide é de um povo que veio da Itália e ficaram por aqui. Minha mãe era muito amiga de santa Adelaide. Quando a santa morreu, foi enterrada em um local conhecido como Capiáçu. Com 40 dias depois, minha mãe foi consultar uma pessoa lá em Viçosa para tirar a santa de Capiáçu e colocar no Pontal das Almas. Quando essa história chegou aos ouvidos da família [da Santa] eles não acreditaram. O que deu o recado [para a família] disse:

- Vocês vão perder a família de vocês.

Com três dias depois, voltou novamente a Bitupitá e pediu de novo pra família tirar a santa Adelaide de lá ou então, ela iria matá-lo. Então, a família foi tirar a santa de lá e quando abriu o caixão, santa Adelaide

estava perfeita. Do mesmo jeito que foi enterrada. E levaram para enterrar no Pontal das Almas. Lá, em Pontal das Almas foi feita uma igreja em homenagem à santa. Aí, algumas pessoas começaram a ficar devotas da santa. Foi quando o senhor José Eduardo de Almeida Castro comprou parte do Pontal das Almas e derrubou a igreja de santa Adelaide. Fizeram outra igreja em Bitupitá.

Só que, quando o primeiro navio encostou no Pontal para pegar sal para levar para Manaus, dos quatro tambores que estavam numa ligada, um se desligou, caiu em cima da perna do Eduardo e quebrou. Então, eu fui a Chaval passar um telegrama pro avião teco-teco vir pegar o seu Eduardo. O avião chegou depois de seis horas. Ele nunca mais voltou ao Pontal das Almas, pois deu o tétano na perna dele, foi para São Paulo e lá suicidou-se.



Desenho: Luiz Felipe Neves



CONTADOR:

Paulo Sérgio Pereira - 57 anos



A ESPERTEZA DO CAMURUPIM

O rapaz tava pescando e nada de peixe na linha dele. Aí, ele fez uma promessa para São Francisco que se ele pegasse um camurupim, ele ia pagar promessa lá em Canindé. Menos ele fechou a boca (assim que chegou), topou o camurupim. Trabalhou... trabalhou... e conseguiu a não matar e colocar o camurupim na canoa. Eu não sei se tava morto quando ele embarcou o camurupim, mas ele foi, se engrandeceu e disse:

-Ninguém pode nem fazer uma brincadeira que São Francisco ajuda logo pegar [o peixe] embuchado (ovado). Aí, o camurupim, nessa hora... É a vez que os homens se prevalecem muito deles, né? O camurupim começou se bulir, se *istribuchou* (estrebuchou), saltou e foi embora... E ele perdeu por que se achou demais. É isso que dá...

Desenho: Tamirius Moraim





CONTADOR:

Paulo Sérgio Pereira - 57 anos

CAVALA COM FAMA DE CAÇÃO

Quando o rapaz começou a trabalhar com esse peixe cavala, ele disse assim:
- É um cação!

Trabalhou... trabalhou... E quando viram o peixe passar assim...

- Olha, é um cavala.
- É não, é um cação.

Aí, veio pro bicheiro (comerciante de carnes em feira livre) e disseram que era uma cavala. O cara tentou convencer que era um cação. Quando ele falava a história dele, mesmo se fosse errada, se ele dissesse que era aquilo, era

palavra de rei. Ele chegou em terra com essa cavala de sete a oito quilos e os compradores perguntaram:

- Quanto é a cavala?
- Cavala não, é cação!
- Mas num é uma cavala, rapaz!?!?
- Não! Isso aqui é um cação.

Só não dizia que cação era, mas dizia que era um cação. E os marcheiros compraram como cação, por que ele não cedeu no que ele falou. Agora, eu como marchante, também tinha comprado por cação, porque ele vendeu pelo valor de cavala, mas como cação.



O Píoi

CONTADOR:

Paulo Sérgio Pereira - 57 anos

Eu mais esse meu irmão aqui, nós fomos para o mar em dia de finado. e o pessoal fala que dia de finado é um dia de assombração. isso é história do povo que fala isso.

Chegou lá, à noite, arriou a linha... Demorou pouco... Nós *passemos* a noite de coca (agachado), por que o *boti* não tinha condição de entrar pra debaixo... E ele topou um cação! Saímos com tudo pra cima do convés do *boti* e *trabalhemos*. Quando chegou aqui perto, o cação foi e solto o *pioi* (piolho). Olhamos pro *pioi*... Nada riscado nele. Nós se *admiremo*!! Dente de cação rompe até fundo de canoa e desse *pioi* não cortou o couro.

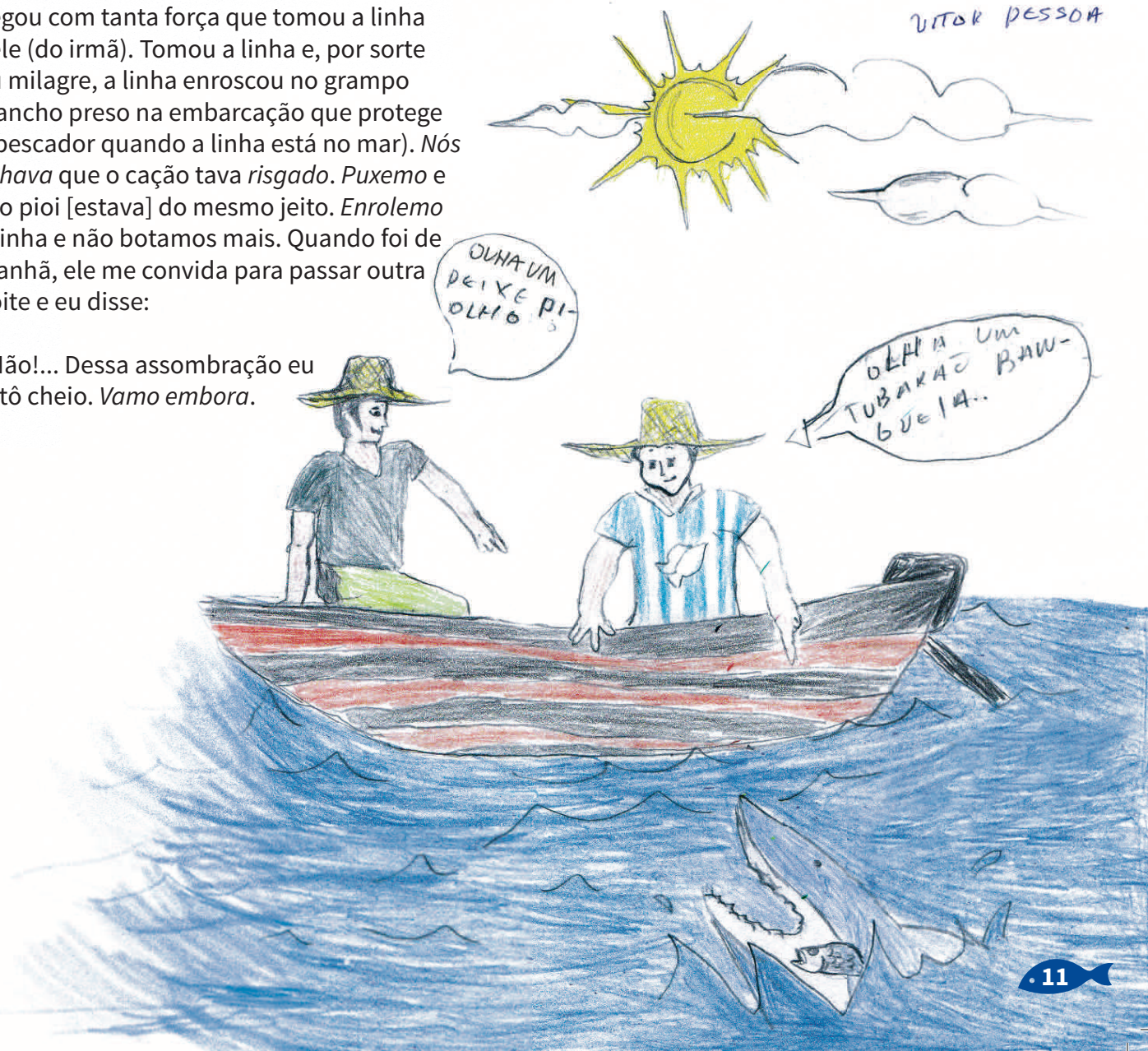
Nós... areia pra trás (ir para trás) novamente (botaram isca de novo). Não *demo* tempo de dormir quando o cação [fisgou]. Não sei o que pegou! eu acho que esse cação não tinha dente, [porque] tornou a pegar, tomou a linha da mão dele e estripou (foi embora com rapidez) no meio do mundo. e pulemos em cima do convés. Aí, soltou! Quando nós puxemos a linha, o *pioi* [estava] do mesmo jeito. Aí, começamos a desconfiar... Que peixe era esse que [de] tão grande, não mordida e nem escamava?

Que a escama dele é que nem escama de beiceiro (cação de escama), cangula (peixe de couro forte), né? Aí, ele arriou a terceira vez. Na terceira vez, que quando nós *quisemo* se acomodar um pouco, o bicho pegou com tanta força que tomou a linha dele (do irmão). Tomou a linha e, por sorte ou milagre, a linha enroscou no grampo (gancho preso na embarcação que protege o pescador quando a linha está no mar). Nós *achava* que o cação tava *risgado*. Puxemo e aí o *pioi* [estava] do mesmo jeito. *Enrolemo* a linha e não botamos mais. Quando foi de manhã, ele me convida para passar outra noite e eu disse:

- Não!... Dessa assombração eu já tô cheio. *Vamo embora*.

Desenho:

VITOR PESSOA



CONTADOR:

Paulo Sérgio Pereira - 57 anos

ARIACÓ BALIZADO NA NUVEM

Desenho: ELIAS

Os rapaiz aprontaram a canoa e foram pra pescaria. Lá encontram muito ariacó. Eu sei que fizeram uma boa pescaria de ariacó. E pra eles não perder o local...

- Amigo, como é que *nóis baliza* (marca) esse local? Nós temos que voltar várias vezes aqui, porque deu bastante peixe. E aí que é o local.

Procuraram mato pra balizar e não tinha serra e não sabiam balizar. Um deles disse:

- Amigo, aquela moita e aquela nuvem, ó. Tá casada com aquela moita.

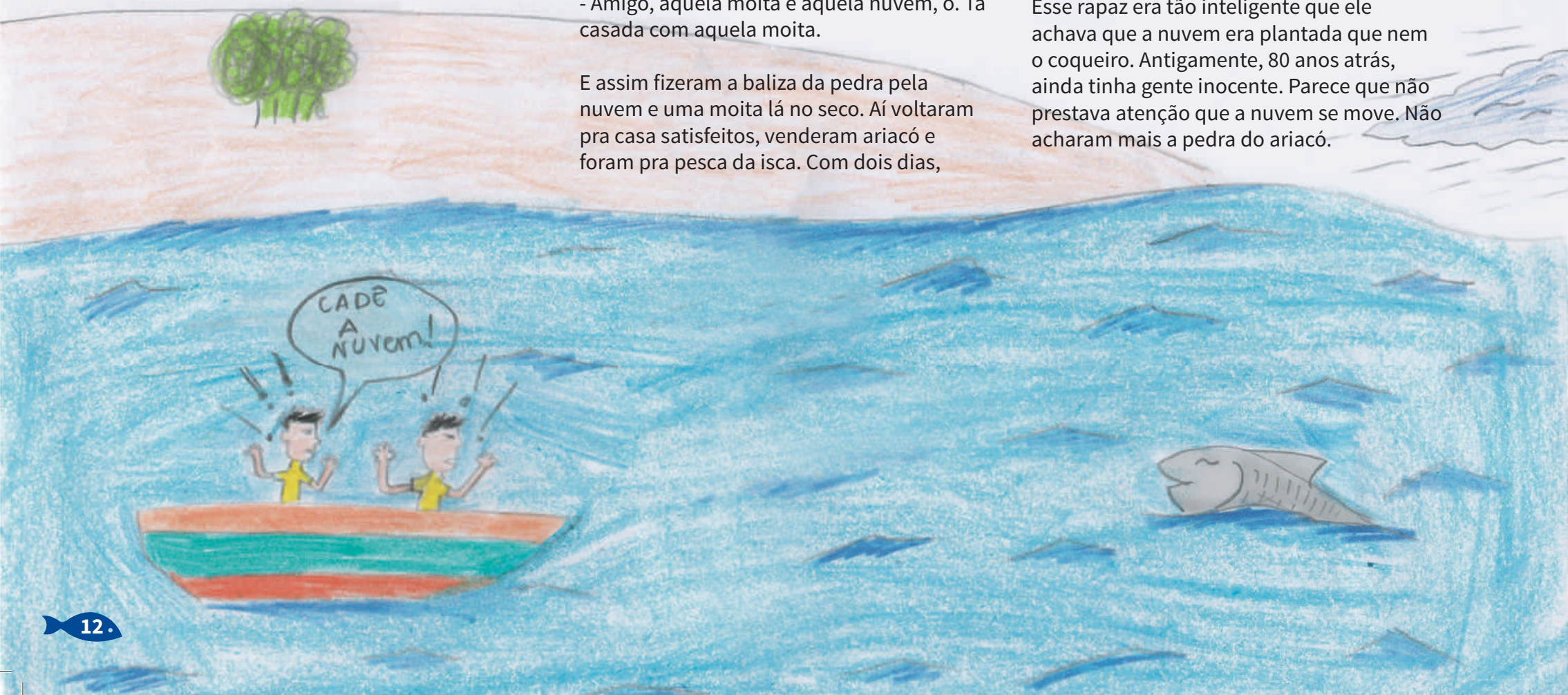
E assim fizeram a baliza da pedra pela nuvem e uma moita lá no seco. Aí voltaram pra casa satisfeitos, venderam ariacó e foram pra pesca da isca. Com dois dias,

voltaram pra pegar mais ariacó [*no lugar balizado*]. Porque peixe não é onde a pessoa quer. Quando chegou lá, a pedra que ele achou que tava perto... [*não tava mais lá*]. Aí, foram caçar as balizas. Olhou...

- Rapaz, cadê a nuvem que tu falou por mode fazer a baliza pela nuvem??

- Rapaz, a nuvem tava ali no canto, ali. Eu to vendo só a moita.

Esse rapaz era tão inteligente que ele achava que a nuvem era plantada que nem o coqueiro. Antigamente, 80 anos atrás, ainda tinha gente inocente. Parece que não prestava atenção que a nuvem se move. Não acharam mais a pedra do ariacó.



CONTADOR:

José Elton Gabriel Barros - 32 anos

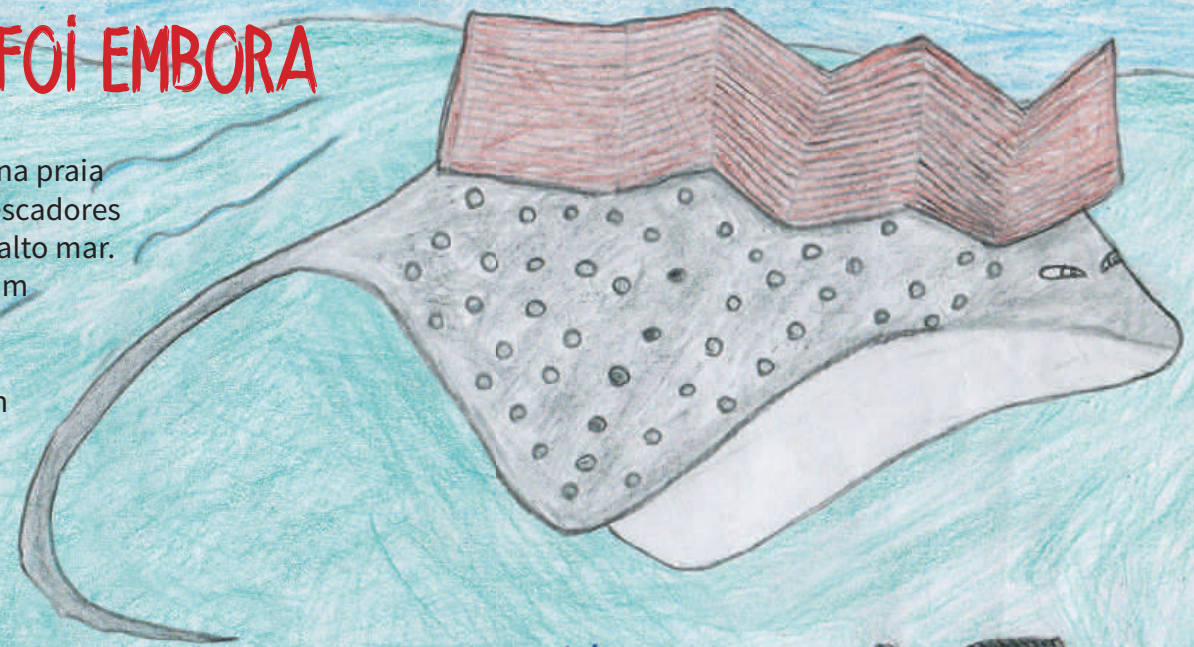


O CURRAL QUE FOI EMBORA

Rapaz, essa história aconteceu na praia de Bitupitá. Era um grupo de pescadores que alevantaram um curral em alto mar. Aí, quando foi no outro dia, foram despesca.

Chegaram lá... não encontraram mais o curral... descobriram que ele tava alevantado em cima de uma raia. A raia foi embora com o curral e eles ficaram. E eles foram e alevantaram outro curral. Mas, [antes] olharam se tinha raia em baixo. Não tinha.

E o [curral] que eles alevantaram em cima da raia, a raia ainda anda com o curral em cima dela.



Desenho:

Nayara Santos





CONTADOR:

Francisco Pereira de Souza - 53 anos

Desenho: ELIAS

O MUDO

Eu já pesquei de todo tipo de pescaria. E pescava mais à noite. Um dia fui *pescar* à noite de tarrafa lá pro porto do Matias, pois lá ficavam uma carreira d'água, umas *poça* que fica peixe. Fiquei lá... Estava muito escuro. Quando, de repente, vinha uma coisa assim... Se balançando de lá pra cá. E meu avô sempre me dizia:

Quando você anda no mundo só, que aparece alguma coisa, primeiro você tem que *pergunta*; e *pergunta* três vezes: Quem é que pode mais do que Deus? E aí, eu perguntei:

- Quem é que pode mais do que Deus??

Não falou ninguém. E lá vem... Nada... E tornei a perguntar:

- Quem é que pode mais do que Deus??

Num falou ninguém... e aquela coisa vindo... Me levantei com medo e perguntei de novo.

- Quem é que pode mais do que Deus??

Aquela coisa chegou bem perto de mim e disse assim:

- Aha!!

Aí, eu olhei... era um mudo! Era um mudo! Um mudo que vinha, né? E como era mudo não podia responder. Ele vinha pescar, só que eu chamava e ele não respondia. Era mudo!!

CONTADOR:

Francisco Pereira de Souza - 53 anos

O PESCADOR DE TUBARÃO

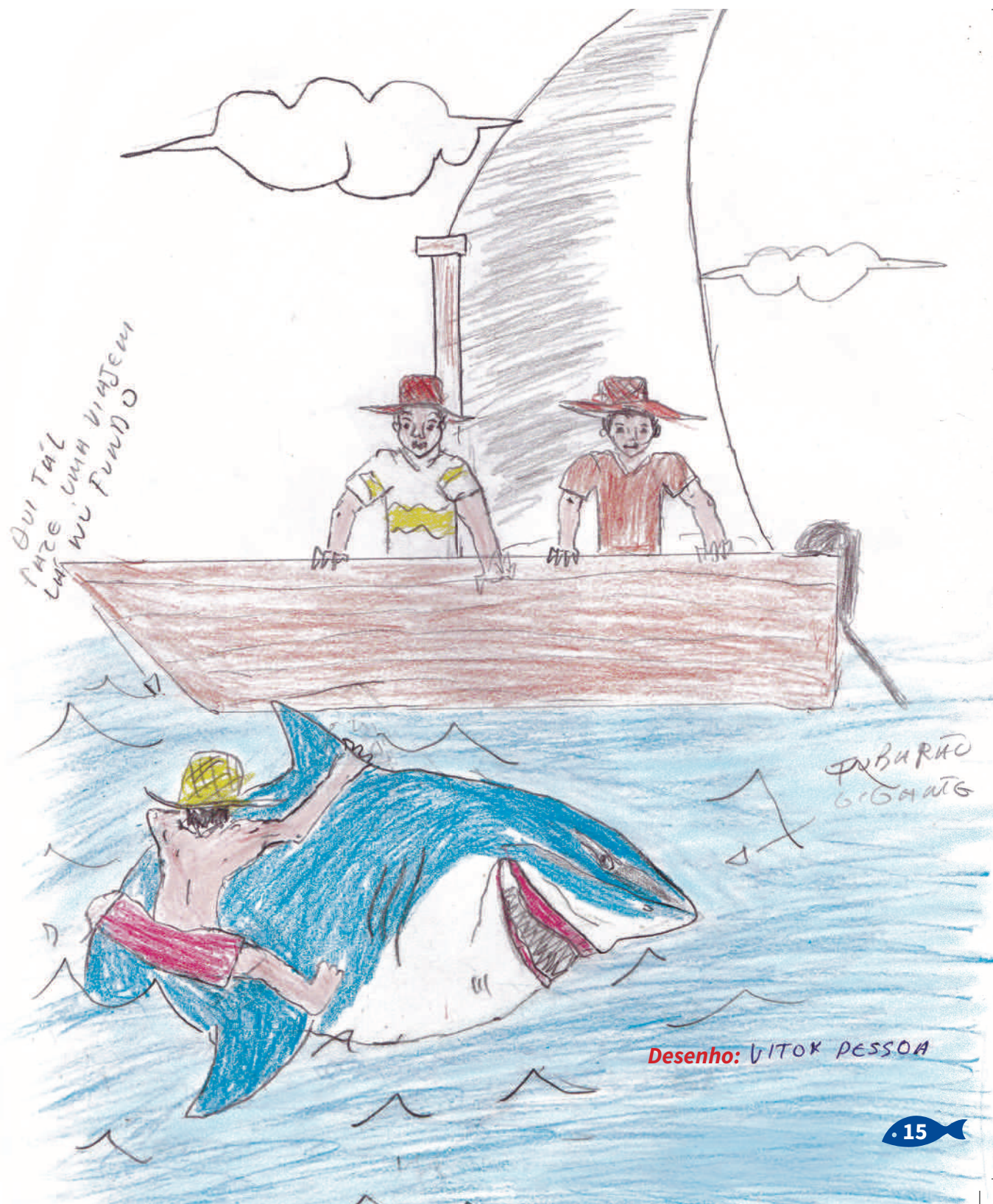
Apesar desses pescador [serem dos bons], esses dois aqui e esses aí, os maior pescador de tubarão aqui foi eu, o Santo da Pepeta e o Xebão. Lá no buraco das Curimãs, nós pescava tubarão de espinhel, que eles aí são tudo sabedor.

Teve um dia, nós fumo lá... Chegemo lá às cinco da manhã, tinha dois tubarão no espinhel. Um era mais pequeno e tinha o outro que dava uns 300 quilos. Nossa canoa era pequena. A gente pegou, laçou ele, amarrou, botou na borda e pelejava... Fazia todo meio de trazer, mas ninguém conseguia.

Já tarde, o dono da canoa querendo trazer e nós não podia trazer. A canoa num podia fazer viagem que o tubarão era muito grande. O único meio foi eu cair n'água. E rolei (cortei) o tubarão no meio pra nós poder trazer as toras pra terra.

É... Eu caí n'água e cortei ele NO MEIO, DENTRO DA ÁGUA!

Essa é a história do tubarão jaguara.





CONTADOR:

Francisco de Assis Veras (Verinha) - 59 anos



TUBARÃO DE 5 MIL QUILOS

Às vezes, a pessoa pensa que é mentira, mas essa história é verdadeira. *Nós chegemo no [curral] 35. Ali andava uma aba por cima d'água. Desse tamanho a aba... [Estava] fora d'água essa aba. Não... Não é história de pescador, não! Essa aqui é verídica!*

Pra lá e pra cá... [a aba ia e vinha]. E nós pensava que era uma raia pintada. Eu e mais dois irmão meu, Manezim do Luís e o outro

aí.

- Rapaz, umbora meter a rede grossa.

Aí, metemo a rede grossa e fomo bater... Ooohh!!... Por inocência fomo bate. Rapaz!... E aquela aba andando né? Pra lá e pra cá...

Quando chegou no meio da salina que encostou pra virar... Quem foi que viu ele?? Nós tudo vimo. Era um tubarão pintadim!

Esse tubarão dava na base de uns cinco mil quilo. Foi três canoa grande pra puxar pra cá, e quando chegou aí, não botemo pra riba, não! Ficou aí...

Desenho: Tamim Mota

CAÇANDO COM PREGO

Aí... Nós pescando lá nas Cunhãs... Já *távamos* com uns quinze dias pescando com rede de arrasto. *Nós já tinha* perdido três pescaria. Três! Morão dos Três Mar arrancava ou perdia (Mourão é o cambito que segura a rede chamada "Três Mares"). Eu sei que perdia. Mas, nós já [tava com fome]... E tinha um amigo meu que levava uma espingarda. Ele disse:

- Rapaz, *nós vamo* morrer de fome! O que que *nós faz*? Eu tenho aqui uma espingarda e um prego... Rapaz, eu vou *oiá* se mato um passarinho.

Aí, *saímo* das Cunhãs e *fomo* lá pras Ilhotas. Lá hoje se chama Pedra Roxa. Lá não tem UM pau que você fique debaixo. *Fomo* mais adiante e achamos um pau. Subiu...e lá vai passando um veado. Antes ele cortou o prego, né? *Alimou* a ponta e botou na espingarda. Quando ia passando um veado, ele apertou o dedo na espingarda... O veado caiu. Só que o prego atravessou o veado.

- Rapaz, eu não posso perder esse prego, se eu perder esse prego *tamo lascado*.

Aí ele foi passando a mão pelo chão. Era de noite, né? Não achou o prego, mas achou um tatu. Pam!! Matou o tatu [*com um pauzinho*]. Voltou, *atrepou* no pau de novo e foi fazer assim (batendo as mãos para cima), ia passando um jacu. Ele matou o jacu e disse:

- Rapaz, vamo embora. Tá tarde já... dá pra *nós come*.

Numa pescaria de rede, você faz fogo e bota tudo dentro. *Botemo* dentro lá e quando chegou no caminho da volta, lá

está um gato maracajá pelejando pra subir no pau. E ele ficou preocupado porque já tinha perdido o prego. E disse:

- Ô rapaz... *perdemo* o prego. E agora, o que vai ser de nós???

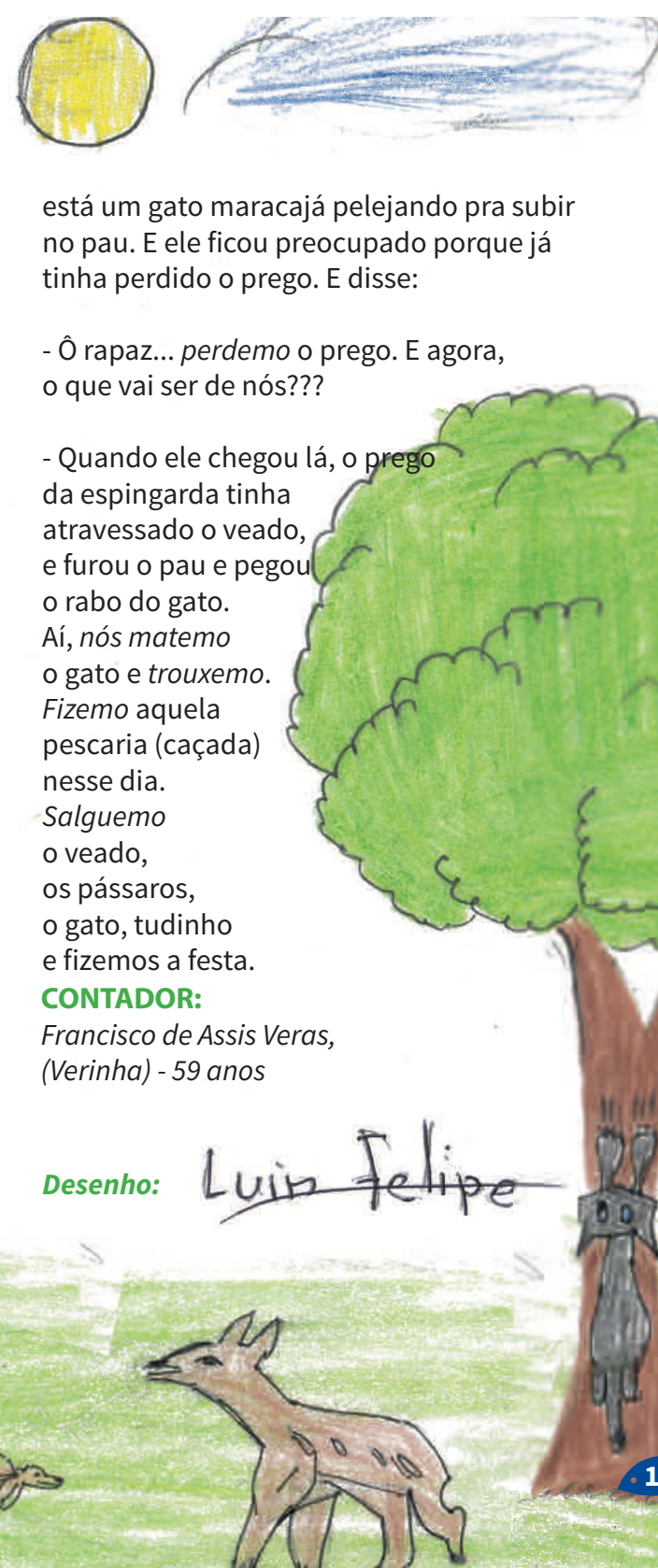
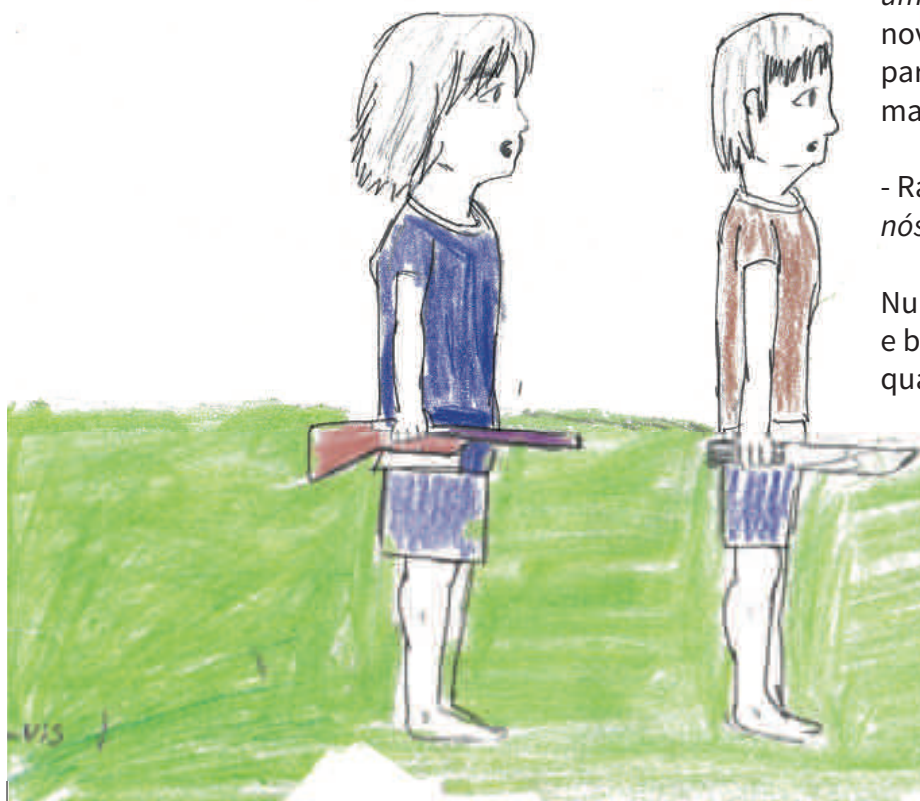
- Quando ele chegou lá, o prego da espingarda tinha atravessado o veado, e furou o pau e pegou o rabo do gato. *Aí, nós matemo* o gato e *trouxemo*. *Fizemo* aquela pescaria (caçada) nesse dia. *Salguemo* o veado, os pássaros, o gato, tudinho e fizemos a festa.

CONTADOR:

Francisco de Assis Veras,
(Verinha) - 59 anos

Desenho:

Luis Felipe



CAJUEIRO DA PRAIA - PI

Laura Livia Souza de Lima - 16 anos
1º ano, Unidade Escolar Manoel Ricardo

*Lugar cercado de mangues
Cercado também de águas
doces e salgadas
Pacatos, delgados
Rio de muitos cursos
Grande vazão
Maior ainda é sua extensão
Que não cabe na palma da mão
Mas nos enche de orgulho o coração
Ao testemunhar tamanha
comunicação entre o homem,
o peixe-boi e até mesmo o camarão*



Foto: César Vieira



CONTADOR:

Marcos Vinícius da Silva Rocha - 10 anos,
pescador de siri

COISA PRETA QUE ARRUDIÁ

Um dia, eu tava assim... Andando tal, na quadra... Não tinha ninguém lá. Eu tava vendo um vento. Como se tivesse uma coisa forte assim... Eu tava olhando pra todo lado e não tinha ninguém. Todo mundo tava com suas portas fechadas.

Aí, eu tava pensando que tava sonhando. Mas, eu tava vendo... olhando pra todo lado. De repente foi que ouvi um gemido.

E eu tava vendo tipo uma coisa *arrudiando* em mim. Aí, fiquei com tanto medo... tanto medo... que fechei os olhos. Aí, depois, quando abri [os olhos] tinha sumido. Não sabia o que era. [Só sei que] era só uma coisa preta *arrundiando* pro meu lado.

Tem pessoa que pensa que é mentira, mas não é, é verdade!!



Desenho: Felipe Neves



CONTADOR:

Francisco Gilberto da Silva Rocha - 50 anos

PEIXE-BOÍ OU TUBARÃO?

Eu fui pro Caranguejos com meu irmão e de lá nós viemos embora meio dia. Eu ainda não tinha conhecimento desse peixe-boi. Eu era pescador mas não tinha conhecimento. Então, eu disse assim pro meu irmão (ele já faleceu, já):

- Olha José, ali é um tubarão.

Aí ele disse:

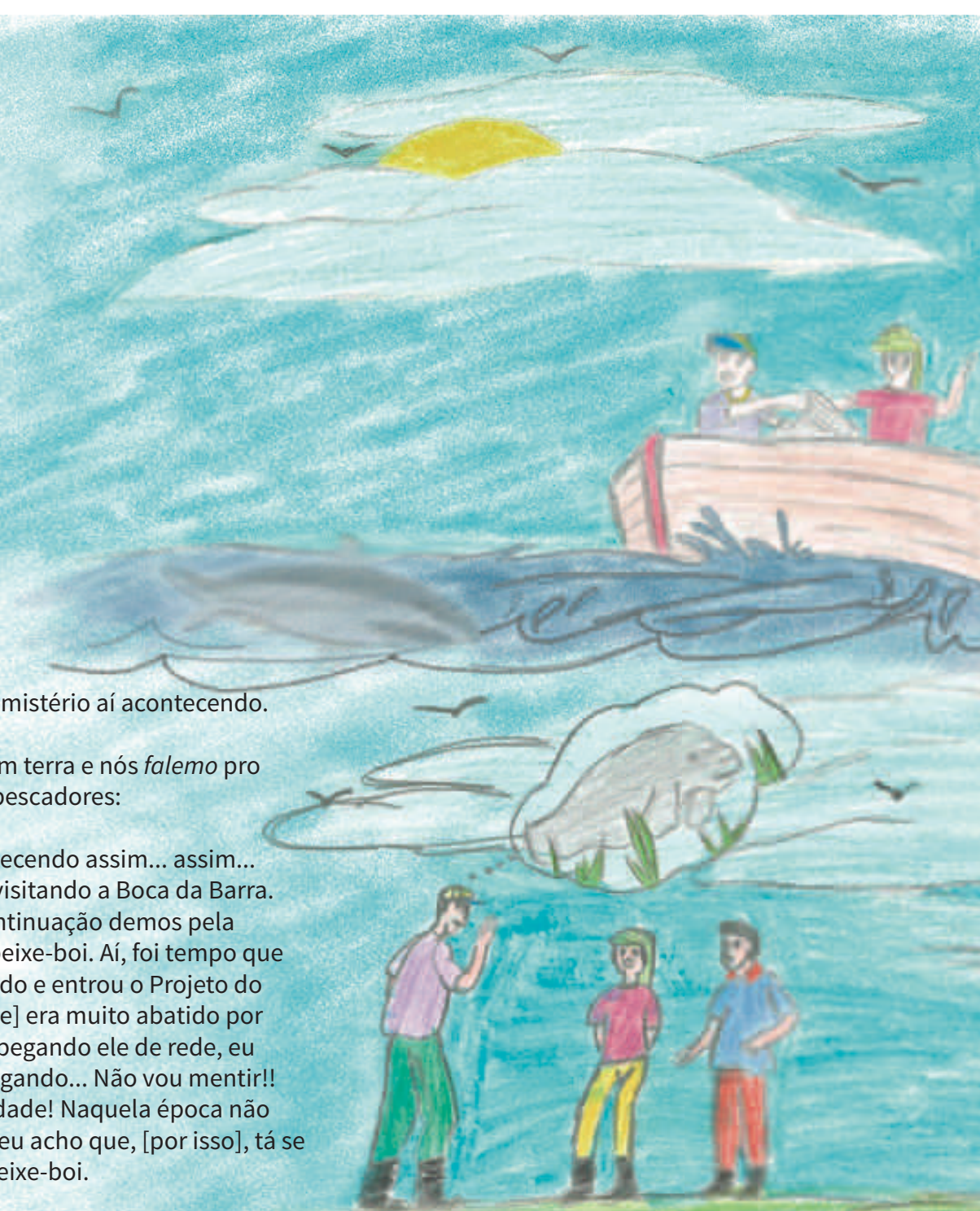
- É mesmo Gilberto.

Aí, *fique*mo naquela... e lá vem ele mergulhando... saindo... saindo... sai... sai... E a maré já de enchente, tirando nós ali pro Chico Silva. Então eu disse:

- Rapaz, tem um mistério aí acontecendo.

Nós *cheguemo* em terra e nós *falemo* pro pessoal, outros pescadores:

- Rapaz, tá acontecendo assim... assim... Esse tubarão tá visitando a Boca da Barra. Aí, nós com a continuação demos pela coisa que era o peixe-boi. Aí, foi tempo que foi se aproximando e entrou o Projeto do Peixe-boi [porque] era muito abatido por aí. Até andaram pegando ele de rede, eu mesmo andei pegando... Não vou mentir!! Tô falando a verdade! Naquela época não existia lei e hoje eu acho que, [por isso], tá se preservando o peixe-boi.



Desenho: Taminis Moraes



CONTADOR:

Cláudio Ferreira de Souza - 41 anos

FOGO QUE MEXE DE LONGE

Eu fui pescar com meu pai, eu tinha 11 anos. A gente *tava* colocando espinhel lá na localidade Pé de Maré. E a gente fez um fogo lá na beirada. Saímos lá do fogo e fomos despescar o espinhel. Quando a gente chegou na boia do espinhel que pegamos, que olhamos lá pro fogo, só vi era fogo subir pra todo lado.

- Ai, valha meu Deus do céu!! O que era aquilo??

Aí, terminamos de despescar. Papai disse:

- Vamos lá de novo, lá na beirada do fogo...

Chegamos lá, o fogo *tava intático* (intacto), não tinha mexido em nada!

Essa é a história do fogo.

Desenho: Tamirís Moraes

CONTADOR:

Cláudio Ferreira de Souza - 41 anos

ISCA DE SAPO

Eram dois pescador [que] tavam pescando no mar camurupim. Um rapaz foi um dia, o outro foi no outro dia. O primeiro pegou cinco camurupim. E o outro parceiro, quando chegou, disse:

- Rapaz, tu pegou cinco camurupim? Que isca foi que usou?

Aí, o outro safado disse assim:

- Rapaz... Eu pesquei com isca de sapo!
- Foi mesmo?
- Foi!
- Rapaz, pois lá na minha cacimba é só o que tem!

Aí, ele pegou... foi lá e encheu o uru (cesta) e [pensou:] - pois amanhã quem vai ali sou eu. O cara que tá pescando o camurupim, uma [chumbada] bota [na linha] em baixo e a outra bota em cima (maneira de ajeitar a chumbada na linha). Aí, pegou uma boia e amarrou. Chegou lá no ponto, ancorou a canoa, riscou o caçote (pequeno sapo que serve de isca) com a boia agarradinha na linha e jogou pra lá. Isso era umas sete horas da manhã. Ele ficou... ficou... pensou: caçote

riscado vai ser graúdo. Mas, chegou lá e nada. Esperou... esperou... e nada. Deu nove horas. - Rapaz, eu vou é deitar aqui. E se deitou. Quando agarrou no sono, que se acordou... Era quase uma hora da tarde. Ah, aqui não tem é nada. Ele arribou assim a cabeça e quando olhou, o caçote tava assim, olhando pra ele em cima da bóia. Como era que ele iria pegar camurupim se a isca tava encima da bóia?!?



QUEM MUITO QUER, NADA TEM

CONTADOR:

Cláudio Ferreira de Souza - 41 anos

Essa foi real! Saímos eu e o Malaia pra pesca na semana santa, de quinta pra sexta. Chegamos no lugar chamado Carrapato e saímos arrastando. Rapaz, era muito camarão. Camarão a vontade mesmo! Puxamos o lanço veio logo uns vinte quilos. Botamos logo na canoa. Mais outro lanço, mais uns vinte quilos. Ai perguntei:

- Malaia, tá bom?
- Não! Vamos dá mais um arrasto.

Metemo o puçá de novo.

- Rapaz, chega!!
- Rapaz, aí tem muito camarão!

Aí, puxamos... que quando começamos a colher... pareceu que tava acabando os camarão porque não vinhta mais cinco camarão. Só bem umas quatro folhas. Aí, eu disse;

- Rapaz, sabe que tá bom! Não dá certo mais, não. Vamos *simbora*.
- Não!! Eu vou pegar mais.
- Rapaz... Vamos embora que aconteceu esse fato...
- Não!! Eu vou é pegar mais pra vender. A gente só pega camarão às vezes na semana santa, de quinta pra sexta pra fazer o jejum.

E não é que ele ficou lá tarrafiando?!?
Quando terminou de tarrafiar era quase

umas quatro da manhã. Aí, ele veio encostar no porto da Itã. Maré calma, bem calma mesmo. Quando ele encostou... a canoa cheinha de camarão, de uma hora pra outra veio o mar e *vupo*...emborcou a canoa e ele saiu catando a canoa. Quando caçou, a canoa tinha alagado e ele perdeu todo o camarão e até as duas tarrafas.

Aí ele diz que desde dessa época nunca mais pesca na semana santa.

Desenho: Taminira Moraes



CONTADOR:

José Pereira de Souza - 71 anos

ASSOPRO NO PÉ DE MARÉ

Eu comprei 10 quilos de gelo e botei numa caixa. Saí de manhã pra vim só no outro dia. E quando foi umas cinco pra cinco e meia da tarde, encostei no pé de maré pra fazer o fogo e fiz o fogo. Quando tava as brasas peguei três carapeba (peixe) grande e escalei pra assar. Tinha umas carnaúba assim perto... Quando o peixe tava no fogo, eu só



ouvia umas pessoas conversar *naquelas carnaúba*. Conversa vai... Conversa vinha.... Ai, eu digo: - Meu Deus, que conversa é essa que não vai nem vem? Nem chega pra perto e nem vai pra longe!?

Aí, *uma das veiz* me levantei e fui lá nas carnaúbas. Quando cheguei perto, já tava pro lado do mar a conversa. Essa conversa já tava conversando pro lado direito e quando eu comecei a ver era do lado esquerdo. - Ai... ai... ai...

E o peixe assando... E eu vim de novo pra beirada do fogo. Eu sei que quando o peixe tava assado, que eu peguei a comer... aquela conversa cada vez aumentando, mais aumentava... mais aumentava. E já tava querendo *pardicer* (entardecer), que quando acabei de comer e bebi água, tava tudo pardo. Aí, eu não aguentei, não. Só fiz embarcar na canoa, botei as coisas dentro de novo, sai pro meio do rio e afundiei (soltar a âncora ou a fateixa). Que quando eu afundiei, que tava afundiado, olhando pro rumo do fogo, eu vi sacudir fogo pra todo lado: pá... pá... pá. Eu digo: - Valha, rapaz!!

Deu assim um assopro no rumo do pé de maré, no rumo de dentro do mangue... Rapaz, eu só não cai na água por que se eu caísse na água, a canoa tinha ficado e não dava certo...

Desenho:

ELIAS





CONTADOR:

Raimundo Pereira de Souza - 57 anos

VISAGEM DA CANOA

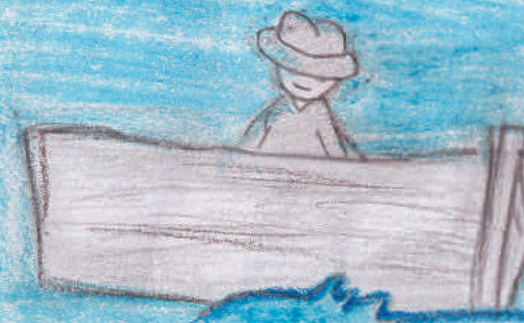
Saí pra tarrafeiar camarão. Comecei a tarrafeiar e mais tarde vi outra canoa na minha frente. Cheguei pra perto pra ver quem era o companheiro... quanto mais eu chegava pra perto, mais e mais ele sumia. Desconfiei que não era gente que nem eu, aí voltei pra trás.

E era uma visagem, porque eu chegava pra perto, ele ficava mais longe de mim. Eu via a canoa perto e quando chegava mais pra perto dele, ficava mais longe de mim. Por que *[quando]* um pescador vê o outro, vai falar com o outro, *[perguntar]* se tá bom aqui ou tá ruim...

Só que esse, eu não sei quem era até hoje...

Desenho:

Tamirãs Morais



CHAPADA - CE

Jaciara Aguiar de Lima, 15 anos - 1º ano,
E.E.Médio Jaime Laurindo da Silva

*Nesse país tão bonito
Em lugares que aqui está
Ven falar pra vocês
Direto do Ceará
Os rios Timonha e Ubatuba
São lindos da nossa gente olhar
Vá ver esses dois rios
Tenho certeza que vai gostar*



Foto: Ana Brandão



CONTADOR:

Antônio Augusto Ribeiro - 65 anos

CHAPADA É UM TERRENO LIMPOZÃO



É Chapada porque aquele terreno que não é só mata, que tem campos assim abertos, chama-se Chapada.

Olhe! No grande sertão, tem as matas e tem as chapadas. É onde fica aqueles desertos, aqueles campos limpos... Chama isso de Chapada.

Aí, então, como tinha esses terrenos *limpozão* botaram o apelido. Os primeiros moradores e proprietários antigos colocaram o nome de Chapada.

Desenho:

Tamiriz Moraes

CONTADOR:

Antônio Augusto Ribeiro - 65 anos

A MOREIA QUE CORTA LINHA

Outro dia fui *pesca* nas pedras da Ilhota.
É um porto bonito!!

Aí eu ferrei... Tava eu e dois amigos, eu ferrei
um peixe. Vim puxando ele de lá pra cá...
O peixe era uma moreia grande. Quando
ela chegou bem *pertin*, ela passou o rabo
e cortou a linha dos meus dois amigos e a
minha.

Foi embora... E eu fiquei sem nada.
Ô peixe miserável que é moreia!!



ERA LOBISOMEM, TENHO CERTEZA!

CONTADOR:

Antônio Augusto Ribeiro - 65 anos

Eu gosto de tomar *uns pileque*. O ano passado, eu subi tomando uns pileques e me *paiei* até onze e meia da noite. Aí, voltei pra rua do campo. Quando cheguei bem acolá tinha um negócio preto *acocado* na beira da estrada. Eu falei:

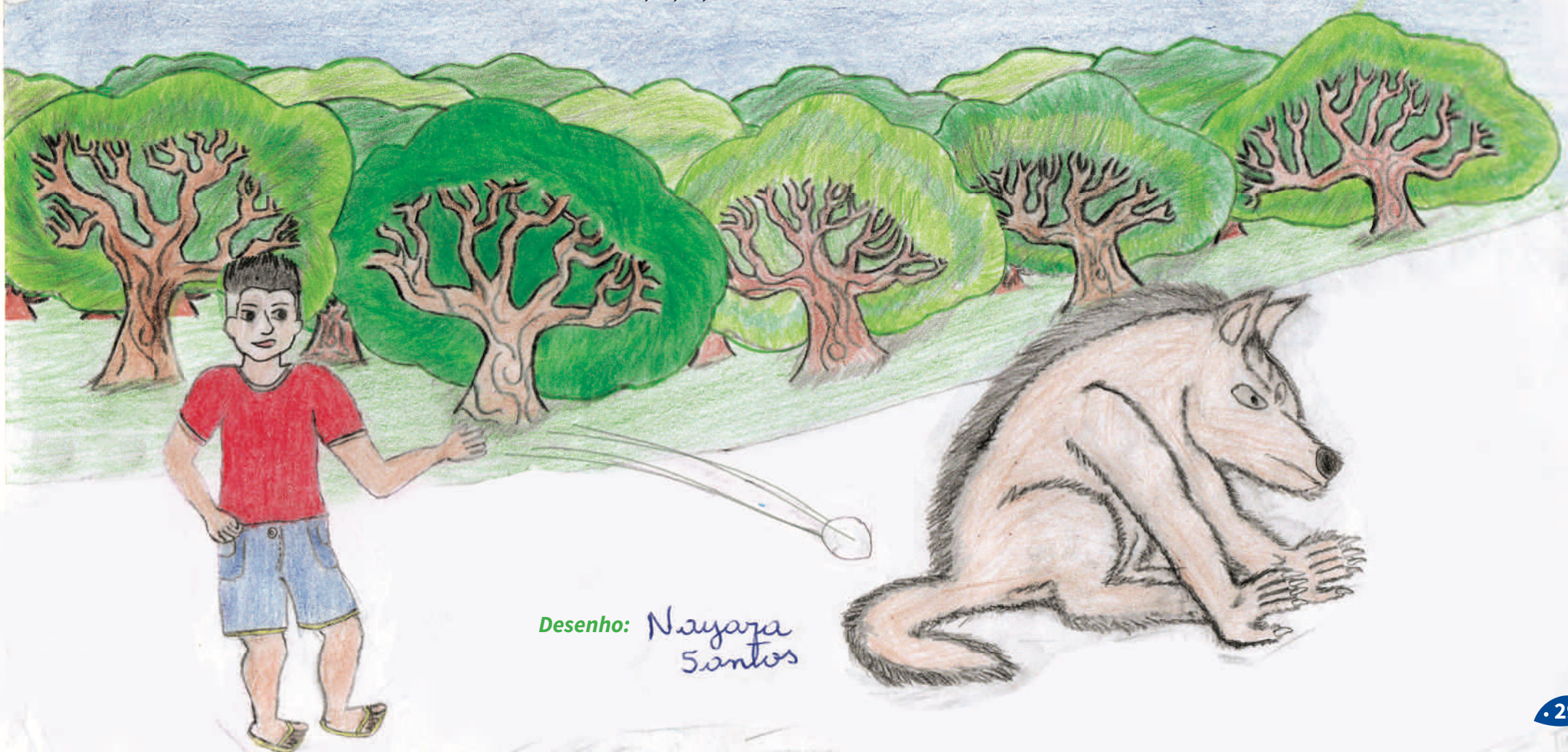
- Sai daí, coisa!!!

Aí, eu desconfiei da parada. Eu joguei um *negoço* lá... o bicho saiu correndo na frente. Aí, eu comecei gritar:

- Ôi, ôi, ôi, ôôô...

Rapaz, apareceu uns *catorze* cachorro. Rapaz! Aí o bicho não aguentou o rojão e tirou no rumo de baixo.

Era um lobisOMEM, tenho certeza...



Desenho: Nayara Santos

A watercolor illustration of a young boy with dark hair, wearing a yellow t-shirt and green shorts, sitting on a grey rock in the ocean. He is holding a large, yellowish fish. A fishing rod lies on the rock next to him. The background shows blue water with small blue fish, a yellow sandy beach, and green vegetation on a hill under a light blue sky.

CONTADOR:

Antônio Augusto Ribeiro - 65 anos

NOS DENTES DO PACAMÃO

Eu nasci na beira da praia. Matei muito peixe.

Um dia, eu fui pescar num portinho onde tem umas *pedra muito grande*. Aí, eu fui botar o anzol, mas fui primeiro meter a mão. Quando meti a mão o cabra agarrou:

- Rúúmmm...

Um *pacamãozão*... Arrastei o pacamão e rebolei em cima do alto. O coró que ficou foi bem *poquim*, o resto ficou nos dentes do pacamão.

Desenho:

Nayana Santos

ASSOBIADOR QUE NÃO GOSTA DE ARREMEDO

Quando eu tinha onze anos, eu fui pra casa da minha avó. Lá nós tava deitado no terreiro, todo mundo contando história lá. A noite tava bem clarinha e nós contando história. Aí, deu um zumbido... Aí, Zé Osmar, meu primo, arremedou o assobiador. Tudo bem... Ficamos lá e depois eu fui pra casa. Quando eu chego em casa, minha avó chegou assombrada e disse assim:

- Ei Raimunda, a Fransquinha tá jogando pedra lá na minha rede.

Minha mãe disse:

- A Fransquinha não. Ela tá é aqui deitada.

- Não! Ela tá lá jogando terra e pedra.

A mamãe tornou a dizer:

- A Fransquinha não, ela tá é aqui deitada.

O assobiador cobriu a casa da minha avó de terra e pedrada e botou a vó prá correr de lá. E a avó foi pra casa da minha mãe, dormir lá.



CONTADORA:

Francisca Veras Sampaio - 39 anos

Desenho:

ELIAS





CONTADOR:

Etevaldo Veras Sampaio - 32 nos

NÃO ERA PEIXE, ERA SAPATO!

Eu tava pescando... Aquele negócio *puxô* pra lá e pra cá... Vem e não vem, né?

Aí, quando *pelejamo*... Até que chegou no seco... quando eu arribei, eu digo:

- Lá *rai* um peixe...

Quando joguei dentro [*da canoa*]... Não era um sapato que vinha enganchado no anzol?!?!

Desenho: ELIAS



CONTADOR:

Antonio Helton Vieira Ribeiro - 32 anos

BAIACU COME ANZOL

Eu fui pescar mas um sobrinho meu e ele disse:

- A maré tá boa mesmo pra pescar com isca de camarão.

Aí, peguei, levei o camarão e levei mais ou menos uns 15 anzol. Chegemo lá na maré e *comecemo* a pescar. Jogava a linha, quando puxava... cadê o anzol?

Joagava a linha de novo. Pensava que não... nada... cadê o anzol?

Eu sei que nessa arrumação foram simhora os quinze anzol e nós não peguemo nenhum peixe. Rapaz! Era um baiacu que acabou os anzóis.



Desenho: Nayara Santos



CONTADOR:

Manuel Pereira de Amorim - 30 anos

EU VOU CAIR... EU VOU CAIR...

Eu fui [pescar] mais meu amigo Etevaldo. Fui bêbado. Aí, cheguei lá... a canoa [estava] pra lá e pra cá... Aí eu disse:

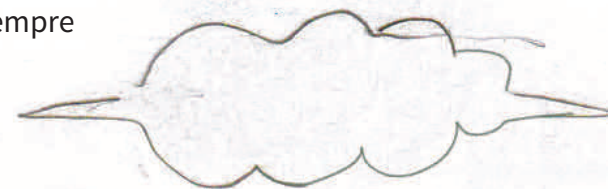
- Eu vou cair... Eu vou cair...

Aí, nós botamos a caçoeira e a canoa sempre balançando e eu dizendo:

- Eu vou cair...eu vou cair...

Até que o Etevaldo me derrubou dentro da água. Quando ele botou o pé na borda pra pular [e me puxar], eu já tava agarrado na borda da canoa...

Aí, eu nasci mais outra vez!!



Desenho: VITOR PESSOA

CHAVAL - CE

Maria Eduarda de Andrade Silva, 15 anos - 1º ano

Rafaela da Silva Mota, 15 anos - 2º ano

Francisco Simione Pereira da Silva, 15 anos - 1º ano
E.E. Médio Monsenhor José Carneiro da Cunha

*Os mangues "habitam" aqui,
trazendo vidas
E não devemos desmatar
Sem o azul do mar,
peixinho morrerá
Então, é hora de mudar.*



FUNDAÇÃO DE CHAVAL

*Inspirai Maria Santíssima, Cristo Pai celestial
Ajudai-me nesses versos
Escritor Tadeu Durval
Nessa rima bem simples
da fundação de Chaval*

*A poesia está me chegando
Vou seguindo o roteiro
De dois apóstolos católicos
Sendo grandes brasileiros
Sacerdote, Monsenhor e padre Antônio Carneiro*

*Logo que o padre Antônio Carneiro
Recebeu ordenação, em Recife*



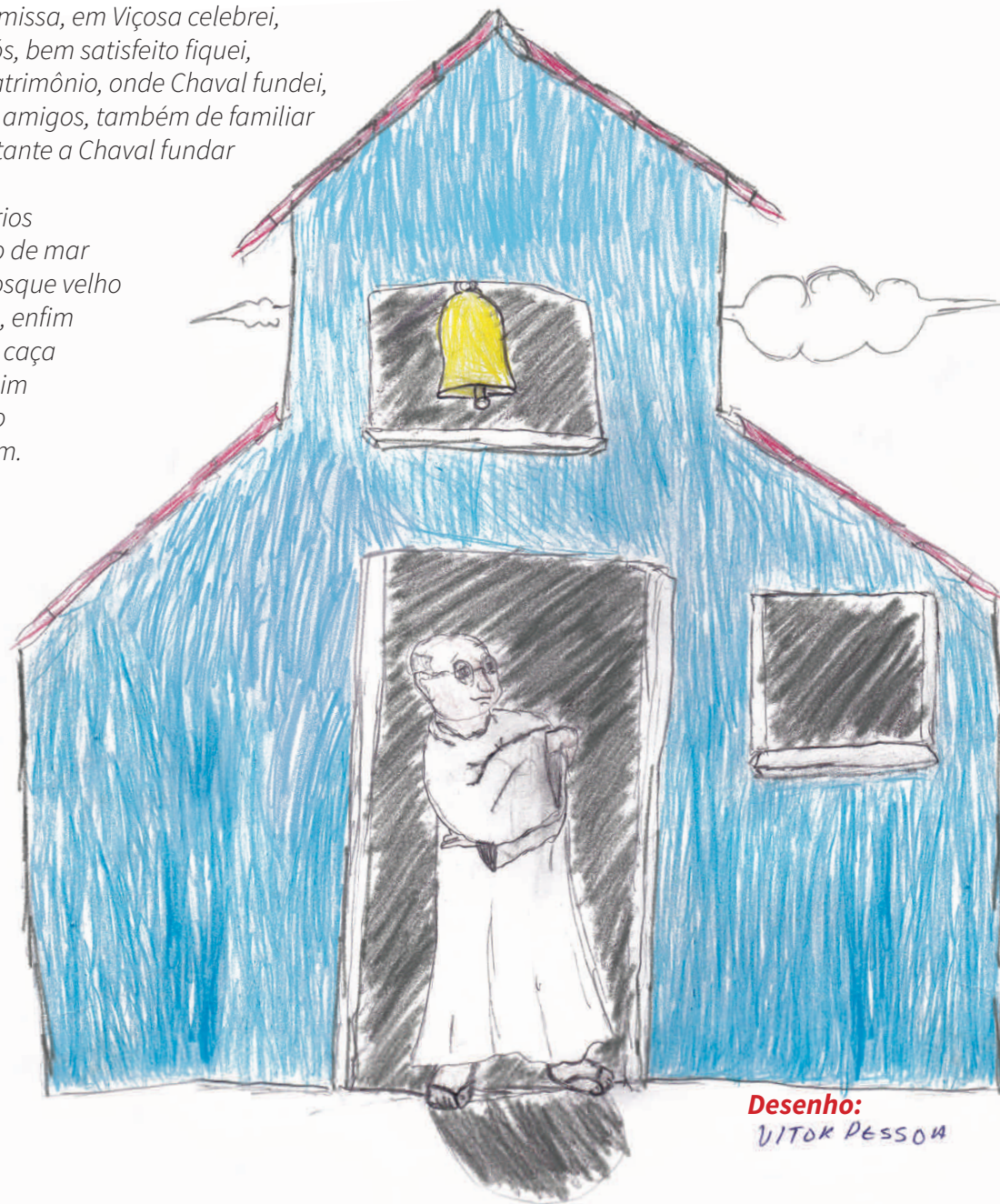
CONTADOR:

Antônio Durval Filho (Tadeu Durval) - 56 anos

*Pernambuco, segue sua direção
Na sua terra natal pregar sua religião.*

*A minha primeira missa, em Viçosa celebrei,
Terra de meus avós, bem satisfeito fiquei,
Comprei eu um patrimônio, onde Chaval fundei,
Acompanhado de amigos, também de familiar
Me ajudaram bastante a Chaval fundar*

*Cercado por dois rios
Formando o braço de mar
Me acampe no bosque velho
Local mais manso, enfim
Fartura de peixe e caça
Não achei local ruim
E hoje é conhecido
Bairro do Salgadim.*



CONTADOR:

Antônio Durval Filho (Tadeu Durval) - 56 anos

MÃE D'ÁGUA CABEÇA DE CUIA

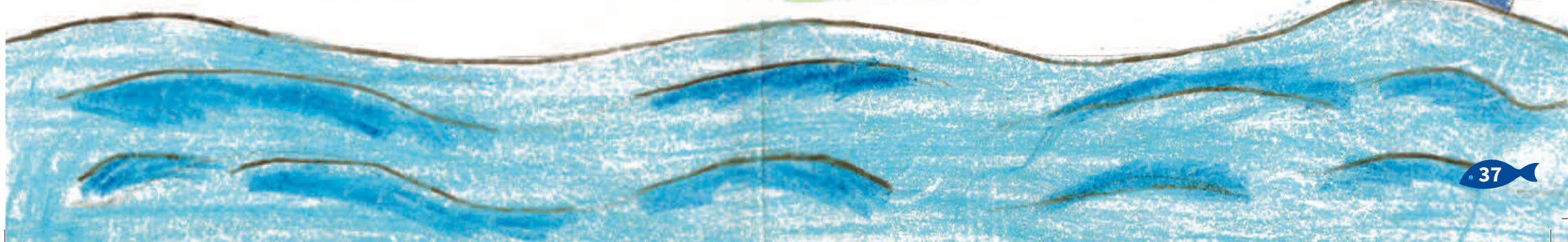
O primeiro açude de Chaval o pessoal conhece como Cruzeiro. A mulher que era acostumada lavar roupa lá. Antigamente era muita mulher que lavava naquele açude, hoje é mais pouca. Elas comentavam de ver o Cabeça de Cuia. Só que esse Cabeça de Cuia tinha a cabeça lisa e mergulhava. A outra mulher dizia assim:

- É a mãe d'água que aparece nesse mesmo açude. Essa região é rica de mistério. Tem a pedra da santa perto do Cruzeiro. Antigamente, Nossa Senhora Aparecida apareceu naquela região e botaram o nome de Pedra da Santa. Mas, só que antes desse nome tinha outro nome. Era Pedra do Castelo. Porque Pedra do Castelo?

A lenda conta que existe uma princesa encantada lá. E nesse Cruzeiro, as mulheres comentam que aparece a Mãe d'Água, Cabeça de Cuia. Mas, as mulheres não ficam apavoradas porque é a própria visão da coragem pra elas ver. E vai passando os tempos e vai se acabando e quase não se vê mais comentário sobre isso.

Desenho:

ELIAS





CONTADOR:

Francisco Edmilson Cordeiro (Maninho) - 56 anos

MOLHO DE CHAVE QUE SE PERDEU OU ÍNDIO QUE ABRE O TEMPO??

Bom, Chaval tem umas três versões.

Chaval era uma cidadezinha. Um povoado habitado pelos antigos. E quando um padre chegou aqui, procurou entrar aqui pelo Porto. Na missa ele benzeu o porto. Arrudiou, acompanhou aqui no bosque velho e quando os mais velhos procuraram:

- Rapaz, como vamos dar o nome desse lugar??

Aí, como tinham achado um moi (molho) de chave, deram o nome de Chaval. Não

se sabe se essa chave foi perdida pelos holandeses que *tavam* aqui ou se foi pelos índios. Por que os índios, naquele período, tinham uma chave que era pra abrir [o lugar]. Com essa chave que tinham, quando chegava nos povoados, *eles pegava* a chave e informavam como abrir. Ou o inverso, fechava. Nas entradas eles abriam, na saída eles fechavam. Ao vento mesmo, mas ele dava aquele sentido.

Então, não se sabe a origem normal. Sei que Chaval começou dali, por isso é Chaval.

Mas, quando a gente fala Chaval dos Padres é por que foi fundada pelo padre Antônio Carneiro que denominou o nome. Hoje, a história continua dessa forma com os padres. Por que aqui em Chaval formam muitos padres. E Chaval nasce dessa forma.



Desenho:

Tamirís Monais



MACHADO VISAGENTO

CONTADOR:

Francisco Edmilson Cordeiro (Maninho) - 56 anos

Essa história do machado foi em 1975. Não tinha padaria em Bitupitá. Eu levava pão daqui e trazia peixe pra Chaval. O comprador era o Merminha, eu era só o ajudante. Uma certa vez, nós fomos pra lá, e tava voltando ali na Camboa das Almas, saindo do Guabirú. *[Esse caminho]*, dá sempre em contra *[a maré]*. Ou você vai contra quando vai ou vai contra quando vem. Por que quando você ta se aproximando, ta vazando. Quando você volta, tá enchendo. E eu vinha de lá pra cá. Quando chegou de frente da Croa do Batata, eu ouvi uma pancada de um machado. Era alta noite. Eu falei assim:

- Mas, quem é esse "fêla da..." que tá cortando pau uma hora dessa!?

Aí, o Merminha tava na popa da canoa, disse:

- Rapaz, tu tem nada a vê com isso. *Bora* seguir nossa viagem e deixa isso de mão.

Meu irmão!! O machado parou de cortar. Parou, ninguém ouviu mais. E vamos nós remando, remando. Quando eu vou me aproximando do Guabirú, o machado *amiúda* novamente, numa distância como daqui ali na esquina. E ficou cortando e

acelerou a pancada. Antes da gente dobrar pra pegar o Guabirú, o mangue vem caindo... - Ihhhh... vaaar... pra dentro da água. Olhe! Na minha impressão me molhei inteiro. Mas, passei a mão no meu corpo e não vejo água. Tudo bem! Continuo remando, remando.

O *popero* era o Merminha. *Nós trazia* muito peixe. Era bem rasinha a canoa. A canoa pequena e ele remando. E a gente procurava o lado da água morta, né? Que era pro vento não açoitar muito na frente da canoa. E ele só dizendo:

- *Bora manin!* Rapaz! Rema... Rema...

Quando chegava na Camboa do Machado, a gente trocava a posição. Ele vinha pra proa e eu passava pra popa. Meu irmão!! Quando *troquemo* de posição... Que eu me sentei na popa da canoa, que puxei o primeiro remo, a canoa não foi. E aquele peso! Aí, eu vou botar a mão na borda da canoa. Era como se tivesse entrando a canoa dentro d'água, mas a água não alcança. Na minha imaginação aquela canoa tava afundando. Mas, vou! Atravesso a maré baixa, coloco os remos no chão com

tanto medo... Aí, o Mermi:

- Rapaz, tira essa canoa e bota pra fora... E nada...

E eu não sei fazer aquilo ali por que, pra mim, aquela coisa me assombrava. Se eu fosse mais pro lado do rio, que é dobrando pro lado Chaval, olho pra Cajueiro da Praia, só vê aquela imensidão de água. Quando olho pra cá, não dava pra ir porque tava muito escuro. Quando chego no meio do rio, dá aquela vontade e sensação de pular



na água. Se eu pulasse na água era pra me acabar. Eu pedindo, me encomendando pra Deus:

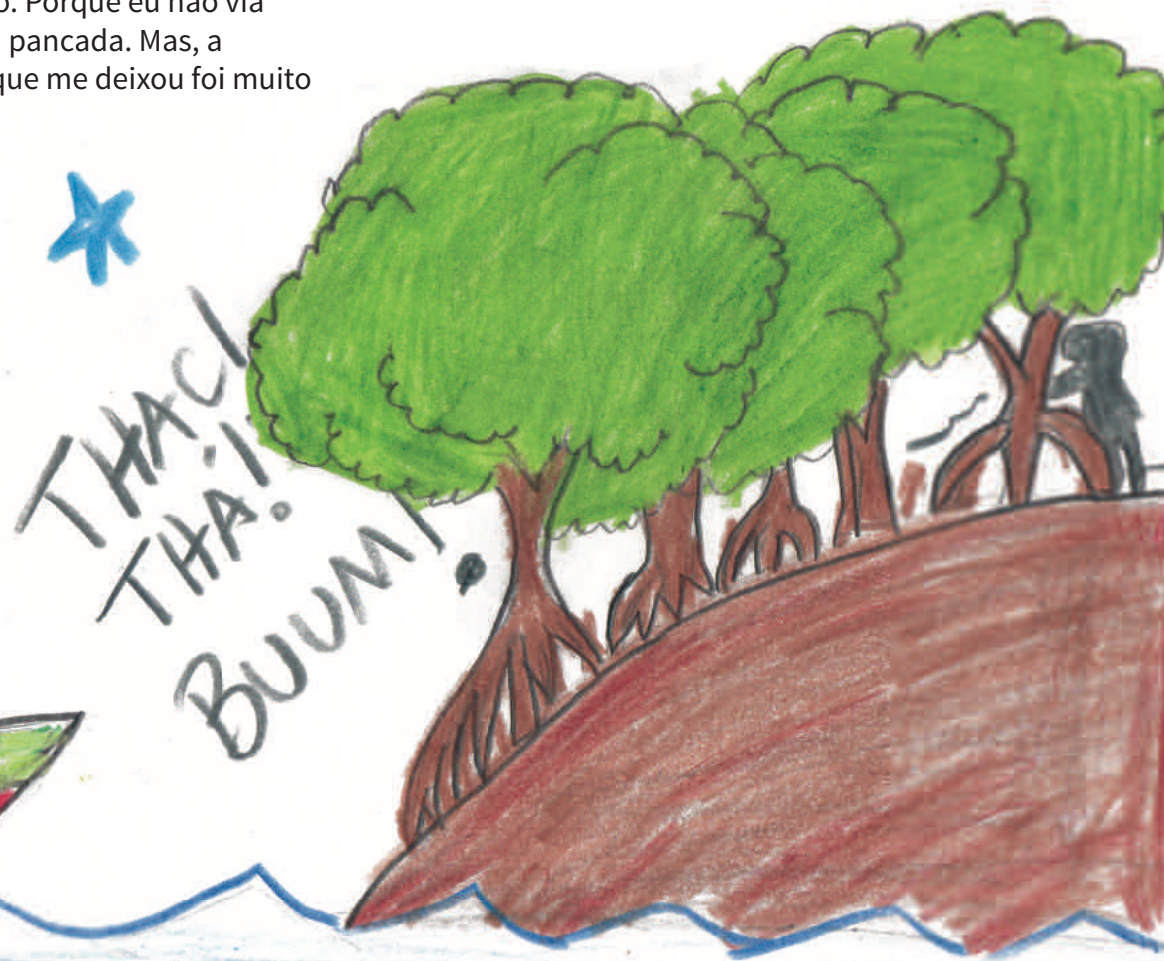
- Pai, por favor defende isso, tira de mim... Mas, vou remando.

Quando chego na Camboa do Padre... Oh, rapaz! Sensação de alívio. Parece que acabou aquilo tudo. Aí, a canoa respirou. Aí, fui me embora remando. E eu disse:

- Mermi. Rapaz, que diabo foi que aconteceu?

- Mermi, isso é pra tu nunca mais... Quando ouvir alguma coisa na água, deixar a coisa quieta.

Meu irmão, daquele dia pra cá, eu posso andar durante a noite, durante o dia, ouvir grito, chamado, eu deixo lá e acabou-se. Foi uma assombração imensa. Uma história assim que é complicada. Lenda, quando eu digo, é desse jeito. Porque eu não via a pessoa. Só ouvia a pancada. Mas, a sensação de medo que me deixou foi muito *machucante!!*



Desenho: Luis Felipe



CONTADOR:

Benedito Pereira dos Santos (Simãozinho)
- 53 anos

NOVILHA NA PESCA DO CARANGUEJO

Nós fumo pegar caranguejo arranchado no lugar chamado Camboa da Arraia, perto do Cajueiro. Quando *cheguemos* lá tinha uns pés de Cajueiro e nós se *arranchemo* lá. Bem no poço que tem caranguejo.

O chamado Manoel Bigode tinha levado um *barai* (baralho) pra jogar de noite. Aí, fizemos um fogo. Fizemos um jirau pra botar o rancho, pra atrepar a farinha, o arroz, o açúcar, pro mode quando os *porco vim*, não comer o nosso rancho.

Aí, nós tava ali, todo mundo dormindo, a negada jogando *barai*. Já era uma hora já, nós *vimo* bater *chucai* (chocalho) muito longe. O *chucai* vinha de lá pra cá... de lá pra cá... Se aproximando... Todo mundo deitado, fogo feito. Aí, o *chucai* vem com banca mais alta (mais rápido).

Aí, vem... vem... Quando chegou de baixo desse pé de Cajueiro, veio que veio... Veio direto no fogo. Quando chegou plantou o chifre no fogo. Era uma *nuvia* (novilha) que vinha. Apagou o fogo. Tava dessa altura e apagou o fogo! Foi no jirau, virou o rancho com tudo. Tudo *deságua* abaixo. E botou nós *tudim* pra correr e se *atrepemos* nos galhos do cajueiro.

Aí, passou o rebanho de gado e os *bois ia* bem na frente e foi *simbora*.

Aí, nessa noite foi um lamento pra nós dessa pescaria. Mas, isso *tudim* aconteceu, Isso é história de pescador que aconteceu.



CONTADOR:

Benedito Pereira dos Santos (Simãozinho)

- 53 anos

O PEIXE QUE ASSOMBROU A EMBARCAÇÃO

Em 84, eu pescava em Bitupitá. Eram seis pessoas pescando no barco chamado Beleza. *Nós passava* 12 dias no mar. A pescaria de primeiro não era que nem as de hoje. Hoje você tem navegador, marca o ponto da sua pescaria, você volta pra trás, você acha o peixe. Tem vários preparos. Tem GPS, sonda pra achar os cardumes de peixe. De primeiro não. Era só pelo conhecimento e na sorte.

Naquele dia, abastecemos o barco e descemos. Nesse tempo se media a profundidade com uma linha e um peso de chumbo ocado. Dentro colocava uma barra de sabão bem alisada pra, quando ela descesse, grudar no chão. Quando puxava tanto sabia quantas braças, como sabia que chão era. Se era areia, cascalho ou pedra. Porque vinha grudado no sabão.

Nesse dia, *nós já estava* na altura de umas trinta braças, botamos pra arrastar. Joga a âncora na água e deixa ela só encostando no chão, pro barco sair na carreira pouca. *Aí, vai dois pescador* com as linhas na água

pra saber qual tipo de peixe que dá. Se é pargo ou ariacó grande. Se der os peixes que a gente anda atrás, a gente solta a ponta depressa, o barco fica grudado e a gente fica pescando naquele local. *Aí, botamos o barco* pra ir arrastando. Deu umas 10 horas do dia e num dava nada. Aqui, acolá dava uma soia (espécie de peixe), uma traíra. Quando dá esses peixes, a gente fica *disvanicido*. A gente é doido é por um peixe vermelho, a piraúna, a piranga... Pra ficar alegre. E nós descemos... descemos...

Quando *nós se espantamo* subiu um peixe muito grande encostado de nós. Que só as duas abas do rabo era maior de que nossa embarcação. Pra completar, ele deu uma *chiringada* de água pra cima, na altura de uns trinta metros e bateu o rabo na água. Espalhou água pra todo lado. Rapaz, *nóis era seis homem* e a corda que *nós botava pra arrudiar* tinha 15 metros de cabo de aço. Pras pedras não cortar o resto, o cabo era grosso pra gente puxar. Quando nós vimos o peixe, o mestre disse:

- Arranca, arranca!! Arranca depressa!

Nós corremos pra arrancar, pra puxar ligeiro. Todo mundo com medo do peixe. Começamos a puxar depressa. Quando chega no cabo de aço, a gente puxa bem devagarinho porque se não escorrega da mão. Nesse dia, nós puxamos o cabo de aço tão rápido que não sei nem por onde ele

passou. Só de medo! *Embarquemo* dentro e *[o barco]* era a vela.

- Arma a vela, arma a vela!!
- Não corre pra baixo que o vento leva.
- Aqui já tá bom!
- Rapaz! Vai que o peixe *teja* aí correndo atrás de nós!? Vamos correr mais um pouco.
- Aqui ele não vem mais, não!

*Aí, ficamos ali, quietos, ainda com medo, coração batendo, ainda só olhando pra trás. Quando foi de noite deu uns peixinho. Nós matamos uns... deve ter dado uns 200 kg de peixe. Foi bom!! Quando amanheceu o dia, amanheceu uma lancha pescando assim [perto] e outra do outro lado. *Aí, a lancha encostou mais perto e disseram:**

- Ei! vocês são da onde? Nós somos de Acaraú.
- E nós, de Bitupitá. Ei, que mar é esse? Que a gente veio apressado, correndo com medo de um peixe. E *nós quer* saber onde é que nós estamos.
- Vocês estão no mar das Travosas, pertinho da capital de São Luis. Daqui pra Bitupitá é *seis dia* de viagem.
- Valha meu Deus!! Só da carreira desse peixe, nós fizemos tudo isso!

Aí, nós fumos, pescamos mais um pouco, depois de dois dias, nós armemo o pano e foi seis dia de viagem sem baixar a vela.

Desenho:

Nayara
Santos

São
Luís



CONTADOR:

Benedito Pereira dos Santos (Simãozinho)

- 53 anos

ASSOBIAR PRO ASSOBIADOR

Nós saímos de canoa daqui pra pegar caranguejo de *arranchada*. Uma turma de 10 pessoas. *Peguemo* caranguejo no primeiro dia e nós só *vinha* com três dias. Aí, eu disse:

- Rapaz, vamos ficar *arranchado* neste armazém.

E ficamos lá *arranchado*. Quando foi a noite, todo mundo dormindo, nós ouvimos um assobio longe, depois perto e depois mais perto ainda. E todo mundo deitado. Aí, o Pedro mais danado, se levantou e eu disse:

- Pedro, te aquieta!

O assobiador veio e deu outro assobio.

- *Rumbora* apostar como eu tenho coragem de assobiar pra esse assobiador??

- Rapaz, essas coisas ninguém mexe, não. Mas, aposto se você não tem coragem de assobiar!!

Ahhh, mas pra que eu disse isso... Aí o nego assobiou. Quando o nego assobiou, o assobio veio direto pra cima do armazém e deu outro bem alto. Chega *dueu* nos ouvidos. Mas, *fiquemo* quieto. Do lado tinha um monte de sal. E os *cabra* dormindo. Quando o assobiador deu o assobio, um monte de bode com chocalho ganhou o mato. *Sáimo* correndo de medo desse

assobiador. Os companheiros não sabiam o que faziam. Uns queriam correr, outro desarmar a rede e correr...

Aí, o assobiador ainda deu mais *dois* assobio [e parou]. Aí, nós *acalmemo* e *fiquemo* até de madrugada sem conseguir dormir, com medo do assobiador voltar.

Desenho:

VITOR PESSOA



CONTADOR:

Benedito Pereira dos Santos (Simãozinho)
53 anos

O PEIXE QUE CANTAVA ATRAVÉS DAS PILHAS

Foi na ilha do Igaranhão que eu e um homem chamado Rentia, meu parente, fomos pescar de noite. Nós *matemos* um monte de peixe, lá era bom de peixe. Cedo *nóis* fomos vender na cooperativa e quando *cheguemo* lá, o pacamão ainda *tava* vivo. Ele deu 3 quilos. Mas, de verdade ele não dava 3 quilos. É que o Rentia, que era dono do peixe, escondido de mim colocou *duas pilha* na boca do pacamão e botou pra dentro. Pra aumentar o quilo do peixe. Só que o pacamão *tava* vivo. Quando chegou lá, todo peixe *tava quietin* e o pacamão *tava* só: hum, hum, hum... De vez em quando dava uma rabiada - hum, hum, hum. Um homem disse:

- Pese esse pacamão pra mim.
- Dá 3 quilos.
- Mas ele é tão pequeno pra 3 quilos! E ele só tá cantando esse peixe!!
- Não! É porque pacamão é duro de morrer. E esse *foi* *pegado* de noite e ainda tá vivo e cantando.
- Assim mesmo eu vou levar.

Ele levou pro barraco, assim perto de onde nós *tava arranchado*. Chegou lá, ele passou a faca no pacamão. Quando ele concertou o pacamão, tinha duas pilhas dentro dele.

Por isso que o pacamão cantava direto. *[O canto]* era através das pilhas.



Desenho: ELIAS



CONTADOR:

Ezequias Pereira dos Santos - 55 anos

20 METROS DE CAMURUPIM

Essa pescaria do lago da Chapada me fez eu ficar assustado. Mas um assustado que eu não passei pros companheiros. Nós *tava* tirando o lance no lago da Chapada e, quando eu vi, um peixe levantou assim uns vinte metros, dentro do lance. De cumprimento, ele dava mais ou menos uns vinte metros.

- Rapaz, que peixe é esse?

Mas, também eu não vou dizer nada pros pescadores companheiros, né? Que é pra não passar por mentiroso. Os pescadores já *tavam* colhendo o lance. Seis homens de um lado e seis do outro, puxando as redes. Comigo eram sete. Aí, eu puxei mais um pouquinho de rede. Sempre a minha função

era sair pra abordar a canoa no corpo da rede, abordar e mergulhar. Mesmo assim não fiz que *tava* com medo. Saí. Levei a canoa. Fui com cuidado. Abordei e fiquei olhando pra dentro do lance. Não vi nada.

Aí, eu desci por trás da rede. Cheguei no chão, fiquei segurando na malha e fiquei olhando. Subi de novo na canoa e não vi mais o peixe. Quando eu subo na canoa, o pescador do apelido Joaquim do Gado, disse assim:

- Ei Ezequias, o *tubarãozão* tá aí dentro.
- Rapaz, que tubarão é esse?

E esse peixe não se levantou. Aí eu desci de novo, né? A gente desce no chão e *dá as ordem* em cima pros homens, o que eles tem que fazer pra poder pegar os peixes, né? Aí eu desci e tinha muito peixe e eu gritava:

- Rapaz, vocês botam *tantos homem* no chumbo, que tem muito peixe!!

Aí, dividi os homens *pras posição* e os peixes não apareceram. Depois, eu desci e fiquei observando de novo. Quando dei fé, lá se vem... Eles vinham desse lado subindo. Quando passou por mim, eu disse:

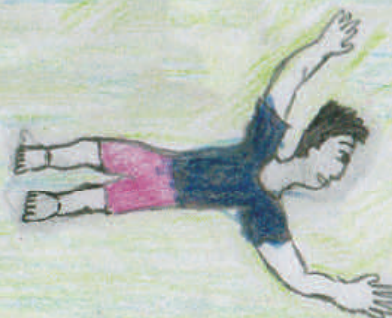
- Ah, "é vocês"!!

Onze camurupim se levantavam *tudo sincronizado*, tudo em fila e andavam um atrás do outro. Por isso que *dava* daquele tamanho"...

Aí, nós pegamos os onze camurupim. É muito peixe! Essa é a história do lago da Chapada que eu fiquei apreensivo com ela.

Desenho:

Nayara
Santos



AGRADECIMENTOS

Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.

(Jean de La Fontaine)

Suave, docemente e com muita alegria é o jeito dos pescadores, pescadoras e marisqueiras contarem suas histórias. É assim que nos ajudam a entender sua forma de vida e a despertar nossa consciência pela conservação do estuário Timonha e Ubatuba. Assim aconteceu nos diversos momentos de realização do Pesca História. Causos e relatos de momentos que marcaram suas vidas e que nos ensina o quanto são importantes para a vida no estuário.

O Pesca História não teria sido possível sem a importante colaboração dos pescadores que ajudaram na mobilização e no convite aos contadores: em Chaval, Ezequias Pereira dos Santos. Em Chapada, Manoel Pereira de Amorim. Cajueiro da Praia, Marcelo Souza e Bitupitá, Leonildo Veras Oliveira e Francisco de Assis Veras. A estes profissionais da pesca, a Comissão Ilha Ativa deixa seus mais sinceros agradecimentos. A Claudiana Araújo, da comunidade Coroa Grande de Cajueiro da Praia, que sugeriu o nome Pesca História com os demais pescadores, o nosso muito obrigado. Nossa gratidão, também, à equipe de Geração de Renda do Projeto Pesca Solidária da CIA, pelo importante envolvimento na elaboração da metodologia e execução dos encontros.

Em especial, agradecemos os alunos e alunas que ilustraram esta cartilha e suas professoras

Sayomara Soares Freitas Lima e Valdirene de Oliveira Nascimento, a Escola de Ensino Fundamental Santa Adelaide pelo incentivo ao seu talento.

E aos demais contadores que participaram de todo processo de construção desta cartilha, vai um grande abraço de toda a equipe de Educação Ambiental da CIA.

CONTADORAS DE CHAPADA



Maria Nonata Pereira - 57 anos



Francisca Gecilda Alves Ribeiro - 32 anos

CONTADORES DE BITUPITÁ



Antônio Tarcizio Lima - 46 anos



Luiz Rosevelte do Nascimento - 44 anos



Clodoaldo Souza Lima - 39 anos

CONTADORES DE CAJUEIRO DA PRAIA



João Batista de Sousa - 60 anos

CONTADORES DE CHAVAL



Manoel Pereira de Souza - 63 anos



Francisco Souza Santos - 45 anos



Antônio Fiel de Maria-Cabeça - 68 anos



Felitita da Silva Souza - 31 anos



Marcelo Souza Araújo - 33 anos



Francisco das Chagas Castro de Souza - 57 anos



Maria dos Navegantes Ribeiro de Souza - 52 anos



Francisco Souza Santos (Guloro) - 39 anos



Antônio Valder Araújo - 75 anos



Maria do Socorro Mendes de Souza - 60 anos



Da direita para esquerda: Prof.(a) Valdirene de Oliveira Nascimento, Felipe Neves de Araújo, Francisco Elias Sá Ribeiro, Nayara Santos de Araújo, Tamiris Morais dos Santos, Vitor Pessoa Santos Prof.(a) Sayomara Soares Freitas Lima.

GALERIA BITUPITÁ



Foto: Rosângela Santos

Mobilização na Praia de Bitupitá com os pescadores.



Foto: Chico Rasta

1º Encontro de contação de história na Colônia de Pescadores de Bitupitá Z-23

GALERIA CAJUEIRO DA PRAIA



Foto: Ana Brandão

Mobilização em Cajueiro da Praia com os pescadores



Foto: Chico Rasta

2º Encontro de contação de histórias de Cajueiro da Praia na residência de pescadores.

GALERIA CHAPADA



Foto: Ana Brandão

Mobilização na Chapada na residência de Marisqueiras.



Foto: Ana Brandão

1º Encontro de contação de histórias em Chapada na residência de pescadores.

GALERIA CHAVAL



Foto: Ana Brandão

Mobilização no Porto do Mosquito em Chaval com pescadores.



Foto: Chico Rasta

1º Encontro de contação de histórias no Sindicato dos Servidores Públicos de Chaval